

Novas armas para o real

Ugo Braga

Da equipe do **Correio**

O “saco de maldades” do presidente do Banco Central (BC), Gustavo Franco, para combater os especuladores em um eventual ataque contra o real ainda reserva medidas amargas para as instituições financeiras. Em um primeiro momento, segundo técnicos do BC, as taxas de juros subiriam mais uma vez. Toda a economia seria “travada” e os bancos obrigados a descarregar dólares para não perderem dinheiro no mercado de juros.

O segundo passo, caso os juros não dessem resultado, seria a obrigatoriedade de os bancos com “excesso de posição comprada” (de dólares) fazerem câmbio. É que as instituições só têm permissão para guardar até US\$ 5 milhões em seus caixas. O que passa disso (o excesso) é depositado no BC e não rende nem um centavo para o depositante. Por intermédio da mudança de uma norma, o BC tornaria obrigatória a troca de todos os dólares do excesso por reais, desestimulando a

compra de divisas pelos bancos.

Se nem isso fosse suficiente para estancar a procura pela moeda norteamericana, a última cartada do Banco Central, segundo economistas do mercado financeiro, seria a liberação do dólar flutuante.

Atualmente, quem troca reais por dólares via mercado flutuante (usado principalmente para turismo) deve respeitar os limites da chamada banda cambial, os preços mínimo e máximo estabelecidos pelo BC.

No “flu”, como é chamado nas mesas de câmbio, não há a obrigatoriedade do depósito no “excesso de comprado” pelos bancos. Ao contrário, no outro segmento do câmbio, o comercial (usado no comércio exterior), as regras são mais rígidas.

Liberado o flutuante, o preço do dólar subiria (pelo excesso de procura) até ficar tão caro que os bancos fossem obrigados a recorrer ao dólar comercial, onde o governo continuaria arbitrando os limites de preço na compra e venda, além de reter o excesso de comprado, com câmbio compulsório para reais.